

# humanitas



Vol. LXII  
2010

*una idea general de la problemática que se queda fijada en la mente de quienes asisten a ella. Creo que esta última se ha conseguido.* Por tudo isto devemos agradecer aos organizadores, participantes e entidades envolvidas, com destaque para a Câmara Municipal de Cascais.

VASCO GIL MANTAS

HESÍODO, *Teogonia. Trabalhos e Dias*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005) 173 p. ISBN 972-27-1391-4.

Chega finalmente ao público português uma tradução cientificamente competente e integral das duas obras maiores de Hesíodo: a *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*. Até à publicação das versões agora apresentadas, acessíveis na nossa língua dispúnhamos sobretudo dos excertos traduzidos por Maria Helena da Rocha Pereira na antologia *Hélade*<sup>6</sup> e das traduções integrais em português do Brasil, da autoria de Jaa Torrano<sup>7</sup> e de Mary de Camargo Neves Lafer<sup>8</sup>. Se no primeiro caso os excertos apresentados nos desvendavam a genialidade do poeta, deixando-nos na expectativa de ler mais, os dois últimos exemplos, apesar de versões integrais, traziam problemas acrescidos, que derivavam sobretudo da dificuldade em encontrar as traduções no mercado lusitano, mas também de um estilo de tradução que nem sempre é claro. Efectivamente, tanto Torrano como Lafer, independentemente das suas competências como helenistas e sem qualquer demérito para o seu trabalho, ofereceram ao público de língua portuguesa duas versões da obra de Hesíodo que não raramente deixavam os seus leitores apreensivos perante a dificuldade de compreender o texto vertido. Pudemos confirmá-lo amiúde, juntamente com os alunos de História das Culturas da Antiguidade Clássica, com os quais estudámos os textos em causa. Tais dificuldades dever-se-ão, em nosso entender, ao facto de os tradutores terem desejado

---

<sup>6</sup> M. H. da Rocha Pereira, org. trad., *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Lisboa, 2009<sup>10</sup>, 107-115.

<sup>7</sup> Hesíodo, *Teogonia. A origem dos deuses*, estudo e tradução de J. Torrano, São Paulo, Editora Iluminuras, 2001<sup>4</sup>, edição bilingue.

<sup>8</sup> Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, tradução, introdução e comentários de M. C. N. Lafer, São Paulo, Editora Iluminuras, 2002<sup>4</sup>, edição bilingue.

manter a proximidade ao texto original grego, quer nas suas formas nominais quer no ritmo e na cadência da poesia. Mas, inevitavelmente, as diferenças entre o grego antigo e o português fazem-se sentir e, ao optarmos por uma solução desse tipo, alguma coisa sairá sacrificada. Nos dois exemplos brasileiros assinalados, foi a clareza dos textos.

As versões agora dadas à estampa pertencem a A. E. Pinheiro, Doutora em Literatura Grega e Professora da Universidade Católica de Viseu, no caso da *Teogonia*; e a J. Ribeiro Ferreira, Doutor em História da Cultura Clássica e reputado helenista, Catedrático da Universidade de Coimbra, no caso de *Trabalhos e Dias*. De algum modo, a atracção que a língua de Homero exerce sobre todos os que se aventuram a traduzi-la, evidente nas edições brasileiras, não deixou A. E. Pinheiro totalmente livre nesta nova tradução da *Teogonia*, pois, por vezes, a tradutora parece ter sido igualmente seduzida e aprisionada pelas correntes melodiosas do grego antigo. Hesíodo não é fácil, mas note-se como o discurso do poeta na nossa língua nem sempre é claro, exigindo-se ao leitor uma atenção redobrada, sob o risco de se perder nas palavras do Beócio. Eis um exemplo: «E o filho valente de Alcmena de belos tornozelos, / o forte Hércules, superadas amargas provas, / foi Hebe, a filha do grande Zeus e de Hera de sandálias de ouro, / que tomou por casta esposa, no Olimpo coberto de neve; bem aventurado, ele que, cumprida a sua grande tarefa, / habita no seio dos Imortais, sem penas nem velhice, para todo o sempre.» (*Theog.* 950-955). Nada, porém, que uma leitura cuidada e atenta não resolva. Por outro lado, a reconhecida experiência de J. R. Ferreira revela-se uma arma eficaz para que o texto lhe saia com fluidez, num português elegante, como se atesta: «Ordenou ao ínclito Hefestos que o mais lesto possível / amassasse terra com água, nela infundisse voz humana / e vigor e que, semelhante às deusas imortais no aspecto, modelasse / bela e encantadora figura de donzela.» (*Erg.* 60-63).

Os já assinalados méritos científicos da tradução são enriquecidos pelo aparato crítico das notas que acompanham *pari passu* o texto, clarificando passos menos evidentes e esclarecendo o leitor das numerosas referências com teónimos e mitónimos, antropónimos, topónimos e corónimos. Este instrumento é fundamental para que Hesíodo se torne compreensível, em especial para os pouco habituados com a Cultura Grega. Refira-se também que a edição é cuidadosamente acompanhada de um índice onomástico, outra ferramenta de trabalho importantíssima para os investigadores. A este propósito cabe referir ainda que as opções tomadas pelos tradutores, no que diz respeito ao aporuguesamento dos nomes próprios, seguiu, de

um modo geral, as propostas feitas por Rebelo Gonçalves e M. H. Ureña Prieto (e.g. Latona, Calíroo). Mas há que assinalar que foram também adoptadas as formas que se consideram ter já tradição literária em português, designadamente camoniana (e.g. Urano em vez de Úrano; Nemeia em vez de Némea), enquanto outros nomes foram simplesmente transliterados (e.g. Tyche, Keto), como, aliás, nos habituou a Escola coimbrã. Trata-se de uma opção discutível (neste ponto, há conhecidas divergências entre Lisboa e Coimbra), como é natural, mas totalmente defensável. Uma nota ainda acerca do título por que se optou para a segunda tradução: J. Ribeiro Ferreira mantém, quanto a nós de forma acertada, a designação «*Trabalhos e Dias*», apesar de alguns preferirem apenas «*Trabalhos*» (*Erga*).

Além da tradução em si, há que reconhecer uma outra mais-valia desta edição: as introduções. Desde logo, a introdução geral, a cargo de M. H. da Rocha Pereira. Estamos perante uma síntese modelar na qual são equacionadas de forma clara, sucinta e eficaz as principais problemáticas relacionadas com Hesíodo, designadamente a relação dos textos hesiódicos com as literaturas do Próximo Oriente Antigo, que, eventualmente, constitui um dos temas mais «apetecíveis» e «actuais» neste domínio. De uma forma assertiva e ao mesmo tempo crítica e lúcida, a A. apresenta as suas reservas acerca da possibilidade de as composições de Hesíodo dependerem dos textos orientais, que foram particular e recentemente assinaladas por M. L. West<sup>9</sup>, citando um outro especialista reconhecido, K. Dowden: «Queremos somente sublinhar que, tal como esse especialista, temos sempre em mente “o perigo da similitude não significativa”, que, “em questões de poesia, há muita coisa que tem probabilidades de ser uniforme entre muitas sociedades arcaicas”, e, sobretudo, que “precisamos de hesitar antes de privilegiar as semelhanças grego/próximo oriente, especialmente quando se perdeu uma parte tão grande da tradição indo-europeia”» (p. 9). Mas a problemática não deixa de ser enunciada como compete a qualquer cientista que se interesse por esta matéria. Uma bibliografia selecta e actualizada, no qual se pode ver os principais estudos sobre as problemáticas hesiódicas, completa a introdução de M. H. da Rocha Pereira. Também A. E. Pinheiro e J. Ribeiro Ferreira escrevem introduções às respectivas traduções, fornecendo úteis orientações de leitura e esquemas que sintetizam os poemas. Aos *Erga*, o seu tradutor anexa dois valiosos apêndices. Um primeiro sobre o «Calendário

---

<sup>9</sup> Ver nossa recensão a M. L. West, *Indo-European Poetry and Myth*, Oxford, University Press, 2007, in *Cadmo* 18, 2008, 328-330.

dos Trabalhos Agrícolas», para o qual contribuiu também João Manuel Barros Fernandes, Professor de Astronomia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que sistematiza o saber «científico» do poeta e a relação com a economia agrícola do seu tempo. O segundo anexo pretende analisar o arado enquanto alfaia agrícola utilizada no tempo de Hesíodo, ao mesmo tempo que confirma os *Erga* como uma fonte imprescindível para o estudo da História Económica da Grécia Arcaica<sup>10</sup>.

A edição em apreço reserva-nos ainda outra agradável surpresa: a inclusão de uma tradução do *Certame entre Homero e Hesíodo*, trabalho de A. E. Pinheiro. Trata-se de um documento de autoria anónima, mas que faz parte dos chamados textos pseudobiográficos que tinham como objectivo reconstituir a vida e obra dos grandes poetas gregos. Este é um texto que, só por si, merecia uma tradução, pelo que a sua inclusão neste projecto só pode ser bem-vinda.

Em suma, estamos todos de parabéns por podermos agora usufruir na língua de Camões de um tão importante texto, também ele fundador da cultura e identidade europeias. Parte do mérito deve-se, há que dizê-lo, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda que, em boa hora, o acolheu e o colocou ao lado de outros consagrados como Aristóteles, Aristófanes, Eurípides, Platão, Menandro e Plauto, na colecção «Biblioteca de Autores Clássicos», a qual tem vindo a desempenhar um papel fulcral na divulgação da Cultura Clássica entre nós.

NUNO S. RODRIGUES

JURADO, Enrique Angel (Editor), *Cuatro estudios sobre exégesis mítica, mitografía y novela griegas*. Zaragoza, Libros Pórtico, 248 pp. ISBN: 978-84-7956-059-1

Este volume reúne trabalhos feitos no âmbito do Grupo de Investigação HUM 124 de Filologia Grega da Universidade de Sevilha, centrados sobre dois temas essenciais: o mito, e as leituras a que foi sujeito ao longo dos séculos, e o romance grego.

---

<sup>10</sup> Como notámos já em «Alguns aspectos da Economia Rural do Mundo Grego segundo as fontes literárias: dos Poemas Homéricos a Aristófanes» in A. Ramos dos Santos et al., *Mundo Antigo. Economia Rural*, Lisboa, 2003, 49-81.